

ESTUDO RETROSPECTIVO DAS CAUSAS DE SURDEZ DE CRIANÇAS DE 0 A 12 ANOS ATENDIDAS EM INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA: DISSERTAÇÃO DE RUBEM CRUZ SWENSSON

José Jarjura Jorge Júnior *

A audição é inegavelmente o sentido mais importante para a comunicação humana. Além de ser o receptor dos sons é o responsável pelo desenvolvimento da fala e aquisição da linguagem. Nos dá o prazer do relacionamento interpessoal, é imprescindível para o trabalho e deleitoso para nosso entretenimento. Também pode ser considerada um fator de segurança, uma vez que a percepção dos ruídos ambientais, como uma buzina, um ruído de motor, um grito, um objeto em queda, pode prevenir danos ao indivíduo antes mesmo de ser detectado pela visão. Além disso, juntamente com os outros sentidos, é responsável pelo desenvolvimento da plasticidade neural, cujo prejuízo leva a uma deficiência na aprendizagem.

Há quase um século existe uma preocupação mundial por parte dos audiologistas em se estabelecer o diagnóstico precoce das deficiências auditivas (DA) adquiridas por processos infecto-contagiosos por transmissão materno-infantil ou pela meningite bacteriana que ocorre ainda na infância. Estas afecções constituem um grande contingente dentro do universo desses deficientes e, portanto, o diagnóstico precoce tanto da doença como de sua seqüela, a DA, torna-se muito importante para o tratamento e a reabilitação do deficiente, mas o mais importante está na ação preventiva que pode ser realizada para evitá-la.

Sobre este assunto, Swensson, RC, redigiu e defendeu, recentemente, sua tese de mestrado com o título "Estudo retrospectivo das causas de surdez de crianças de 0 a 12 anos, atendidas em instituição especializada", onde aborda esta preocupação e o que está sendo feito para diminuir a ocorrência desses casos em nosso meio.

Já na introdução do trabalho, faz uma revisão histórica, citando a criação, nos Estados Unidos da América, do JCIH (Joint Committee on Infant Hearing), em 1969, que reunido com outras entidades representativas nas áreas de otorrinolaringologia, da fala e da pediatria ficaram incumbidas de fazer recomendações relativas à identificação precoce de crianças de risco para surdez. Passaram a delinear os fatores de alto risco e em várias publicações continuaram a enfatizar a necessidade da triagem auditiva neonatal para o diagnóstico precoce.

Nahmias, em 1974, publicou estudo sobre as seqüelas das doenças infecto-contagiosas e, pela primeira vez, criaram o acrônimo TORCHS para facilitar a memorização desse grupo de doenças: Toxoplasmose, Rubéola, Citomegalovirose, Herpes e Sífilis. Posteriormente foi acrescida ao acrônimo a letra A, de AIDS. Outro grupo de crianças que mereceu atenção desse comitê foi as que adquirem perda auditiva após o nascimento, dentre elas a meningite bacteriana.

No Brasil, aponta o autor, só recentemente passou a existir uma preocupação com essas doenças, e o Ministério da Saúde estabeleceu que apenas algumas dessas doenças são de notificação compulsória: a rubéola, a sífilis e a AIDS.

A rubéola, por exemplo, foi introduzida no rol das doenças de notificação compulsória somente na segunda metade da década de 1990, mas é importante apontar que a

vacina contra rubéola já existe há mais de 30 anos e passou a fazer parte da caderneta de vacinas a partir de 1992. Em relação à sífilis, apesar da notificação compulsória existir desde 1986, ainda há um grande número de abortos, óbitos neonatais e outras seqüelas congênicas pela precária atenção ao pré-natal, o mesmo acontecendo com a meningite.

Neste trabalho, Swensson, através de uma revisão ampla da literatura, faz um resumo dos aspectos clínicos e epidemiológicos das doenças do grupo TORCHSA e meningite e, então, pergunta: se essas doenças de notificação compulsória encontram-se subnotificadas e mal atendidas pelo sistema de saúde, o que podemos então dizer das outras moléstias, como a toxoplasmose, a citomegalovirose e o herpes? Como conhecer as causas da surdez em crianças se não temos acesso aos dados, porque em muitos casos o diagnóstico etiológico não foi realizado? Houve mudança no quadro dessas seqüelas nos últimos 20 anos?

O autor, então, se propôs a analisar retrospectivamente os prontuários de crianças de 0 a 12 anos, da região de Sorocaba, realizada na Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADAS), organização que atende de maneira diferenciada e atualizada indivíduos portadores de DA.

Foram levantados os prontuários de dois momentos estanques: 1975 e 2005, tendo como objetivo conhecer o quanto as ações de saúde promovidas pelo poder público influenciaram nos índices de prevalência de surdez por moléstia infecto-contagiosa e adquirida pela meningite nesse intervalo. Note-se que apesar de ser uma pesquisa regional pode refletir, eventualmente, uma realidade nacional.

Comparando os dois grupos, observou que, em relação à toxoplasmose, o índice continua sendo alto e comparável às literaturas nacional e internacional e não modificou nesse intervalo.

Quanto à sífilis, observou redução de prevalência de 2,9% no primeiro grupo para 0,6% no segundo grupo, mas comenta que pode ser devido a uma subnotificação da doença.

Encontrou nos casos de rubéola o maior índice de redução, entre 1995 e 2005, de 14,3% para 9,7%, e acha que isso pode ter acontecido devido à realização de campanha de vacinação em massa dirigida a mulheres em idade fértil nos anos de 2001 e 2002.

Em relação ao citomegalovírus não houve redução significativa da prevalência de DA e comenta que esta é uma doença de difícil diagnóstico e que pode ser confundida com outras viroses. Por outro lado, muitas delas rotuladas como causa desconhecida, pode na realidade ser por esta etiologia.

Na literatura existem poucos trabalhos evidenciando perdas auditivas por esta etiologia.

Nas amostras estudadas não foram encontrados portadores de DA com diagnóstico de herpes ou de AIDS.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 11, n. 4, p. 35 - 36, 2009

* Professor do Depto. de Cirurgia - PUC-SP

Recebido em 10/10/2009. Aceito para publicação em 10/10/2009.

Contato: jarjura@uol.com.br

A meningite bacteriana mostra-se neste trabalho, assim como na literatura, com uma prevalência muito alta como etiologia da DA e que apesar de leve diminuição mantém ainda índices muito próximos nos dois grupos estudados: 25,7% em 1995 e 23,2% em 2005.

Finalmente, o autor sugere medidas para a redução de perdas auditivas na infância decorrente dessas afecções:

- Conhecimento adequado do diagnóstico e a conduta em relação à criança portadora de DA;
- Enfatizar aos profissionais responsáveis a importância da prevenção e tratamento adequado das moléstias infecto-contagiosas durante o período gestacional e pós-parto;
- Realçar a importância das vacinas na população;

- Alertar a gestante em relação aos hábitos domésticos para prevenção da toxoplasmose;
- Prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis e a AIDS;
- Divulgar aos profissionais da saúde, educadores, familiares e a população em geral sobre a necessidade do encaminhamento aos serviços especializados a qualquer suspeita de deficiência auditiva numa criança.

Este trabalho, ao final, pode servir de alerta ao poder público para que priorize a atenção à saúde em relação a essas moléstias no sentido da sua prevenção, evitando as sequelas auditivas e sua consequente ação deletéria na comunicação e aprendizagem de nossas crianças.

AGRADECEMOS A CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA DOS DOCENTES DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS E DA SAÚDE - PUC-SP

Alexandre Eduardo F. Vieira
Alfredo Bauer
Antônio A. R. Argento
Antônio Matos Fontana
Antônio Rozas
Carlos von Krakauer Hübner
Celeste Gomez Sardinha Oshiro
Celso Augusto N. Simoneti
Cibele Isaac Saad Rodrigues
Clodair Carlos Pinto
Deborah Regina Cunha Simis
Diana Tannos
Eddie Benedito Caetano
Eduardo Álvaro Vieira
Eduardo Martins Marques
Enio Márcio Maia Guerra
Fatima Ayres de Araújo
Scattolin
Fernando Biazzini
Gilberto Santos Novaes
Gladston Oliveira Machado
Godofredo Campos Borges

Hamilton Aleardo Gonella
Hudson Hübner França
Izilda das Eiras Tâmega
Jair Salim
João Alberto H. de Freitas
João Edward Soranz Filho
João Luiz Garcia Duarte
Joe Luiz Vieira Garcia Novo
José Augusto Costa
José Carlos Rossini Iglezias
José Eduardo Martinez
José Francisco Moron Morad
José Jarjura Jorge Júnior
José Mauro S. Rodrigues
José Otávio A. Gozzano
José Roberto Maiello
José Roberto Pretel Pereira Job
Júlio Boschini Filho
Kouzo Imamura
Luiz Antônio Guimarães Brondi
Luiz Antônio Rossi
Luiz Ferraz de Sampaio Neto

Magali Zampieri
Maria Cecília Ferro
Maria Cristina P. Fontana
Maria Helena Senger
Marilda Trevisan Aidar
Neil Ferreira Novo
Nelmar Tritapepe
Nelson Brancaccio dos Santos
Ronaldo D'Ávila
Rubem Cruz Swensson
Rudecinda Crespo
Samuel Simis
Sandro Blasi Esposito
Saul Gun
Sérgio Borges Bálamo
Sérgio dos Santos
Sônia Chebel Mercado Sparti
Sonia Ferrari Peron
Vicente Spinola Dias Neto
Walter Barrella
Walter Stefanuto
Wilson O. Campagnone